

Germinar



Mensario dedicado aos trabalhadores — Propriedade do Grupo
Germinar — Director: **Emilio Costa** — Editor: **Mario Costa**
 — Administração: Rua da Barroca, 51-3.º — LISBOA.

Officinas Graficas, R. do Poço dos Negros, 81 — Lisboa

N.º 2 — Março de 1916

Sumário — *Notas politicas e sociais* — *A questão das nacionalidades, de Jean Wintch* — *Imperialismo politico* — *Educação e ensino, de Adolfo Lima* — *A Comuna de Paris, (com ilustr.)* — *Dia a dia* — *Variedades* — *Noticias nossas.*

Notas politicas e sociais

Ao acaso de uma leitura A guerra actual é uma briga de capitalistas. Que marxistas o digam, vá; mas anarquistas? Então renegam as suas velhas ideias de opposição à doutrina do exclusivo predominio do factor economico na vida dos povos?

Os internacionalistas, pois que não souberam ou não puderam impedir a guerra, nem ainda detê-la, são necessariamente forçados a suportá-la. E como as necessidades, os sentimentos, mais do que a razão, impelem os homens, que admira que muitos internacionalistas sejam «guer-ristas»?

E' necessaria toda a cegueira do sectarismo para afirmar que os trabalhadores de um país, defendendo-se da agressão do militarismo estranho, defendem tão sómente a propriedade burguesa. Nada mais falso. Na realidade, a propriedade burguesa é que nada tem a temer da conquista; todo o peso da oppressão faz-se sentir principalmente sobre a população miseravel e trabalhadora: — assim observa, e muito bem, Jean Grave, ao passo que o povo o adivinha.

Em Portugal, por exemplo, no tempo dos franceses,



emquanto *os que tinham que perder* prestavam homenagem ao invasor e lhe pediam um rei, *os sem eira nem beira* espantavam-lhe os «elementos» o melhor que podiam.

O imperialismo alemão, inegavelmente partilhado pela quasi unanimidade dos alemães, sem excluir o operariado, constitui um perigo formidavel para aqueles que aspiram à autonomia dos individuos, dos grupos e das regiões, à livre associação de trabalhadores, de sindicatos ou de populações, para aqueles que tem necessidade de federalismo e de tudo o que êle comporta de bem-estar e de liberdade. Natural é, pois, darem-lhe combate esses mesmos, — cada um por sua maneira.

Se nada possuem, porque lutam? Pelo nosso ideal. Temos a defender o patrimonio de ideias, de usos e costumes, que nos foi legado pelo esforço insurreccional do povo em ocasiões várias — em 1789, em 1830, em 1848, em 1871, etc.; temos a defender a possibilidade de, após a guerra, retomarmos a luta pelas nossas reivindicações economicas, no ponto em que a deixámos.

Cesar de Paepe dizia no congresso de Bruxelas de 1868: — Para a supressão da guerra ha dois metodos: um é praticar a recusa do serviço militar ou, o que vem a dar na mesma, a recusa do trabalho; o outro é resolver a questão social. Empregando-se o primeiro tem de se recommençar constantemente; só o segundo destroi o mal na sua origem. — QUAI QUER.

O tratado da paz Em um artigo intitulado *O dever do momento* e publicado em *La Bataille*, de Paris, J. Grave aponta como devendo ser exigidas pela opinião pública, ao tratar-se da paz, as seguintes medidas:

- 1.^a Nenhuma provincia será transferida de um governo a outro, sem o consentimento da respectiva população;
- 2.^a O Congresso da paz procurará um arranjo, a fim de obter, por consentimento mutuo, uma forte redução nos armamentos, de maneira que os milhões que tem sido tão criminosamente gastos em preparar a carnificina que, neste momento, despovôa a Europa, tirando-lhe o que ela